

De Ilha em Ilha

As ilhas sempre me fascinaram; talvez elas fascinem toda a gente. As primeiras férias de Verão de que me recordo — eu tinha somente três anos — foram passadas na ilha de Wight. A minha memória reteve apenas fragmentos: os penhascos de areias multicores, o meu assombro diante do mar, que via pela primeira vez: a sua placidez, a sua ondulação suave, o seu calor, fascinavam-me; a sua agitação, quando o vento soprava forte, enchia-me de terror. O meu pai contou-me que tinha vencido uma corrida de natação à volta da ilha de Wight antes de eu ter nascido, e isso fez-me pensar nele como um gigante, um herói.

Histórias de ilhas e mares, de navios e marinheiros foram incorporadas desde muito cedo no meu imaginário — a minha mãe falava-me no capitão Cook, em Fernão de Magalhães, Tasman, Dampier e Bougainville, e em todas as ilhas e povos por eles descobertos, e apontava-mos num globo terrestre. As ilhas eram sítios especiais, remotos e misteriosos, intensamente atraentes, embora também assustadores. Lembro-me de ficar aterrorizado quando, numa enciclopédia infantil, vi uma imagem das grandes estátuas cegas da ilha de Páscoa viradas para o mar, e li que os ilhéus, tendo perdido a capacidade de navegarem para longe dali, ficaram totalmente

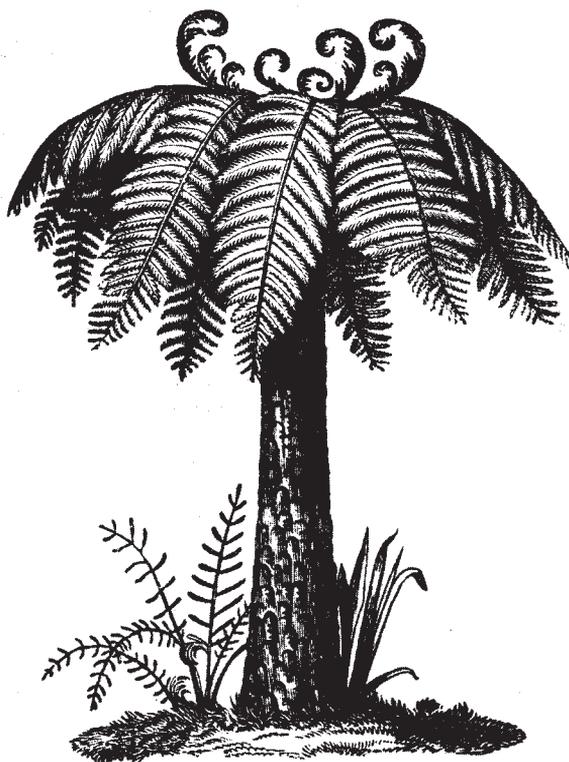
separados do resto da humanidade, condenados a morrer no mais completo isolamento.¹

Li coisas sobre naufragos, ilhas desertas, ilhas-prisão, ilhas-lazareto. Adorava *The Lost World [O Mundo Perdido]*, a esplêndida fábula de Conan Doyle sobre um planalto sul-americano isolado, cheio de dinossauros e formas de vida jurássicas — com efeito, uma ilha parada no tempo (sabia o livro praticamente de cor, e sonhava tornar-me um novo Professor Challenger quando crescesse).

Eu era muito impressionável, e adoptava prontamente as fantasias alheias. H. G. Wells tocava-me particularmente — para mim, todas as ilhas desertas se convertiam na sua ilha Aepyornis ou, numa versão de pesadelo, na ilha do Dr. Moreau. Mais tarde, quando comecei a ler Herman Melville e Robert Louis Stevenson, o real e o imaginário fundiram-se na minha mente. As ilhas Marquesas existiriam realmente? *Omoo e Typee* seriam de facto aventuras? A minha incerteza dizia especialmente respeito às Galápagos, pois muito antes de ter lido Darwin, eu conhecia-as como as ilhas de «encanto maléfico» das *Encantadas* de Melville.

Mais tarde ainda, os relatos factuais e científicos começaram a constituir o grosso das minhas leituras — *The Voyage of the Beagle [A Viagem do Beagle]* de Darwin, *The Malay Archipelago [O Arquipélago Malaio]* de Wallace, e o meu favorito, a *Narrativa Pessoal* de Humboldt (eu gostava especialmente da sua descrição do dragoeiro com seis mil anos de idade de Tenerife) — e agora a busca do romântico, do mítico, do misterioso, passou a estar subordinada à paixão da curiosidade científica.²

Pois as ilhas eram, por assim dizer, experiências da natureza, lugares que a bênção ou maldição da singularidade geográfica haviam convertido em berço de formas de vida únicas — os aye-ayes e potos, os lóris e lémures de Madagáscar; as tartarugas gigantes dos Galápagos; as grandes aves incapazes



de voar da Nova Zelândia — tudo espécies ou géneros peculiares, que seguiram um rumo evolutivo invulgar nos seus *habitats* isolados.³ Eu sentia-me estranhamente seduzido por uma frase incluída num dos diários de Darwin, escrita depois de ele ter visto um canguru na Austrália, na qual ele considera esses animais tão extraordinários e bizarros que chega a interrogar-se se não representarão o produto de uma segunda criação.⁴

Em criança, eu sofria de enxaquecas acompanhadas de manifestações visuais, durante as quais ocorriam não apenas as

clássicas cintilações e alterações do campo visual, mas também alterações na percepção das cores, que podiam esbater-se ou desaparecer inteiramente durante alguns minutos. Esta experiência assustava-me, mas por outro lado exercia sobre mim um certo fascínio, e eu interrogava-me como seria viver num mundo totalmente desprovido de cor, não apenas durante alguns minutos, mas em permanência. Foi só decorridos muitos anos que obtive uma resposta, pelo menos parcial, a esta pergunta, na forma de um doente, Jonathan I., um pintor que ficara súbita e totalmente acromatóptico em resultado de um acidente de automóvel (talvez acompanhado por uma apoplexia). Ao que tudo indicava, ele perdera a visão cromática não devido a lesões nos olhos, mas sim devido a lesões nas partes do cérebro que «constroem» a sensação de cor. Aliás, Jonathan I. parecia ter perdido a capacidade não apenas de ver as cores, mas também de imaginá-las ou recordá-las, ou até de sonhar com elas. Todavia, à semelhança de um amnésico, ele tinha uma vaga consciência de ter *perdido* as cores, depois de uma vida inteira de visão cromática, e queixava-se de viver agora num mundo empobrecido, grotesco, anormal — os seus quadros, a sua comida, até a sua mulher lhe pareciam «plúmbeos». Porém, ele não pôde saciar a minha curiosidade no respeitante à questão afim, ainda que totalmente diferente, de como seria *nunca* ter visto as cores, nunca ter tido a mais pequena noção da sua natureza primordial, do seu lugar no mundo.

A cegueira para as cores mais vulgar, resultante de uma deficiência nas células retinianas, é quase sempre parcial, e algumas das suas formas são muito comuns: a cegueira para o vermelho e para o verde ocorre em graus variáveis num em cada vinte homens (sendo muito mais rara nas mulheres). No entanto, a cegueira para as cores total e congénita, ou acromatopsia, é extraordinariamente rara, afectando talvez apenas uma pessoa em cada trinta ou quarenta mil. Como seria,

interrogava-me eu, o mundo visual daqueles que tinham nascido totalmente desprovidos de visão cromática? Será que, na ausência de uma qualquer sensação de perda, habitavam um mundo não menos denso e vibrante do que o nosso? Dar-se-ia o caso de terem até desenvolvido uma percepção visual exponenciada da tonalidade, da textura, do movimento e da profundidade, e de viverem num mundo sob certos aspectos mais intenso do que o nosso, um mundo de realidades exponenciadas — do qual podemos apenas vislumbrar alguns ecos na obra dos grandes fotógrafos a preto e branco? Será que, com efeito, eles nos viam a *nós* como seres peculiares, distraídos por aspectos triviais ou irrelevantes do mundo visual e insuficientemente sensíveis à sua verdadeira essência? Só me restava tentar adivinhar, pois eu nunca conhecera uma pessoa totalmente acromatística de nascença.

A meu ver, muitos dos contos de H. G. Wells, com todo o seu carácter fantástico, podem ser vistos como metáforas de certas realidades neurológicas e psicológicas. Um dos meus preferidos é «O País dos Cegos», no qual um viajante perdido e exausto, ao penetrar num vale isolado na América do Sul, fica intrigado pelas estranhas casas «multicores» que vê. Os homens que as construíram, pensa ele, deviam ser totalmente cegos — e em breve descobre que é esse o caso, e que, de facto, acabou de deparar com uma sociedade inteiramente constituída por cegos. Ele descobre que a cegueira daquelas pessoas se deve a uma doença contraída trezentos anos antes, e que, com o passar do tempo, o próprio conceito de visão acabou por desaparecer:

Desde há catorze gerações que aquela gente era cega, alheada de todo o mundo visível; os nomes designando todas as coisas relacionadas com a visão tinham caído no esquecimento ou mudado... Grande parte da sua